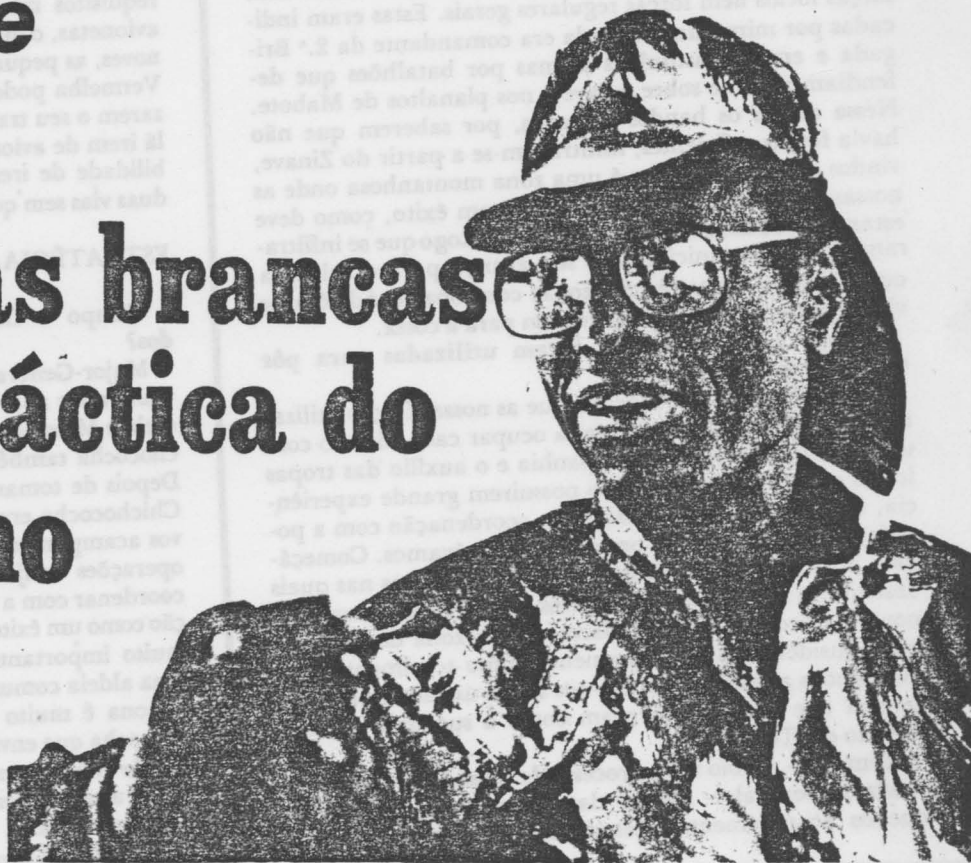


# Inhambane O terror com armas brancas na nova táctica do banditismo

• Major-General Domingos Fondo em entrevista exclusiva à «TEMPO»



Texto de Joaquim Salvador  
Fotos de Kok Nam



O Major-General Domingos Fondo é um dos veteranos da luta armada, um dos quadros da Frelimo da luta pela independência, experiente de inúmeros combates contra o

colonialismo português, da guerra contra os rodesianos na zona de Chicualacuala, do combate contra o banditismo na província de que é presente o Comandante Militar — Inhambane.

A nossa reportagem esteve em Inhambane e acompanhou este militar que se nos revelou profundamente humano no trato com as populações, recto nas relações com os seus subordinados, de um didactismo que se não aprende nas universidades mas na escola da vida, forjada na praxis do quotidiano deste país que se quer construir em paz.

Extremamente afável e conversador, o Major-General Domingos Fondo acedeu em conceder esta entrevista em exclusivo à «TEMPO» que reproduzimos na íntegra. Ficam fora da gravação as inúmeras conversas pontuais que com ele mantivemos e onde as diversas facetas deste homem-guerrilheiro, homem-general, homem-político mereceriam um outro artigo à parte. Aos nossos leitores deixamos este balanço da situação militar da província de Inhambane-85, uma província onde a normalidade regressa devagar mas seguramente, onde os estigmas da guerra, da seca e da fome são visíveis no rosto destas martirizadas populações.

Tempo — Gostaria que começasse por me caracterizar a situação militar na província desde que foi nomeado seu Comandante Militar.

Major-General Domingos Fondo — Na primeira fase nós concentrámos esforços a nível do Partido e do Governo na mobilização dos jovens no sentido de ingressarem nas tropas locais, segundo as orientações existentes. Levámos um mês nesta fase. No segundo mês os jovens começaram a engajar-se nas forças das tropas locais num centro de formação político-militar em Malomo que criámos para o efeito. Pedimos em seguida ao Estado-Maior General para que nos enviassem instrutores, assim como comandantes para as tropas locais. A situação é hoje diferente da que era na altura em que não tínhamos virtualmente nem forças locais nem forças regulares gerais. Estas eram indicadas por mim quando ainda era comandante da 2.ª Brigada e eram constituídas apenas por batalhões que defendiam a ponte sobre o Save e nos planaltos de Mabote. Nessa altura os bandos armados, por saberem que não havia forças suficientes, infiltravam-se a partir do Zinave, vindos de Sitatonga que é uma zona montanhosa onde as nossas forças realizaram operações com êxito, como deve estar recordado, e ainda em Garágua. Logo que se infiltraram no Zinave, iniciaram o seu avanço para o sul para ocuparem as zonas férteis, zonas com boas condições de vida e posteriormente progrediram para a costa.

Tempo — Que medidas foram utilizadas para pôr cobro a essa situação?

Major-General — A tática que as nossas forças utilizaram foi a de levar as unidades a ocupar cada distrito com um batalhão mais uma companhia e o auxílio das tropas locais que, a despeito de não possuírem grande experiência, fizeram um bom trabalho em coordenação com a população de cada distrito onde nos implantávamos. Começamos, em seguida, a fazer operações com sucessos nas quais destruimos muitos acampamentos que se encontravam no norte da província, particularmente na zona de Mabote, que consideramos neste momento como totalmente livre dos bandos armados. Faltava-nos ainda um acampamento central que eles consideravam como a sua base central, situado em Tome.

Tempo — Como foi o processo de tomada de Tome?

Major-General — Depois das operações contra os pequenos acampamentos, estudámos a melhor forma de

como assaltar esse acampamento em Tome. Tome situa-se no meio de duas províncias, entre Gaza e Inhambane; todas as picadas de acesso estavam minadas, os furos de água estavam controlados pelos bandos. A operação que realizámos denominava-se 50.º Aniversário em saudação do aniversário natalício de Sua Excelência o Presidente da República. Foi efectivada somente com as forças armadas estacionadas na província de Inhambane. Tomámos de assalto essa localidade, recuperámos os poços de água e construímos uma pista de aviação somente com o concurso das populações, sem qualquer auxílio técnico exterior, só com catanas e enxadas. Só depois é que pedimos às camaradas da Força Aérea para irem ver se a pista tinha os requisitos mínimos para que nela aterrasssem pequenas avionetas, o que se confirmou. Hoje, à excepção dos Antonovs, as pequenas avionetas das «Calamidades» e da Cruz Vermelha podem aterrar sem problemas na zona e realizarem o seu trabalho de carácter humanitário. O facto de lá irem de avioneta não quer dizer que não tenham possibilidade de irem por via terrestre. Pode-se ir através de duas vias sem qualquer problema.

### ESTRATÉGIA INIMIGA DESBARATADA

Tempo — Como eram abastecidos os bandos armados?

Major-General — Desde há dois anos que o inimigo vinha a ser abastecido por via aérea na planície de Nhadjele e Massinga e Urrene no distrito de Panda e em Chichococha também no distrito de Panda, sempre à noite. Depois de tomarmos Tome e porque o acampamento de Chichococha era muito distante, os bandos criaram novos acampamentos. O assalto a Chichococha foi feito em operações conjuntas com a província de Inhambane a coordenar com a de Gaza. Podemos considerar essa operação como um êxito, em que a colaboração da Força Aérea foi muito importante. Nesta altura já temos naquela zona uma aldeia comunal e escoamos as madeiras de que aquela zona é muito rica. Exploramos as madeiras de Chichococha que enviamos para as duas serrações que existem ali, de Madjucane e Malaele. Dessa madeira que está agora a ser explorada uma parte vai para Gaza e a outra para Inhambane.

Depois da destruição desse acampamento, os bandos



As nossas Forças Armadas demonstram alto poder combativo e elevada moral na guerra sem quartel que movem contra os bandos armados



Infra-estruturas sociais e económicas que estavam em poder dos bandos vão ser reabilitadas por forma a permitir o regresso organizado das populações às zonas de onde os terroristas foram desalojados

armados tentaram concentrar a intensificação dos seus esforços na zona de Nhandjele, uma grande extensão de planícies onde temos projectos de desenvolvimento agrícola e de produção pecuária. Já estavam nessa zona há muito tempo. No entanto, os bandidos que eram batidos noutros locais concentravam-se ali. É um local muito estratégico com uma visibilidade a grande distância que permite controlar movimentos estranhos.

Como sabe, ocupámos recentemente essa zona, após um trabalho de coordenação entre as nossas forças, as populações, os milícias e as organizações democráticas de massas. Lançámos o assalto com o apoio inicial da Força Aérea. Existiam ali dois acampamentos. O primeiro situava-se na planície, entre duas lagoas, o outro na mata densa numa zona chamada Chipasse. Após a ocupação destes dois acampamentos, as organizações humanitárias estão a avançar com alimentação e a Cruz Vermelha com medicamentos e socorristas para apoiar as populações em ajuda imediata. Foram também fornecidas enxadas para permitir o reinício da produção. O Partido também está a trabalhar lá em colaboração com as Forças Armadas para reorganizar a nova vida para as populações porque a zona em si é muito produtiva. Existem ali muitos cajueiros que não estão a ser explorados e como sabe a castanha de caju é uma das fontes importantes de entrada de divisas para o nosso país. Há extensos pomares que são igualmente uma fonte de divisas. Também temos ali a produção de copra que é muito necessária não só para o próprio país como

para satisfazer compromissos internacionais com países estrangeiros que igualmente precisam de copra.

## BANDIDOS: REABASTECIMENTO PELA COSTA

Tempo — Com o relançamento destas operações militares como é que os bandidos recebem abastecimento?

Major-General — Como sabe, a costa nesta nossa província é muito grande, a partir de Zandamela que faz limite com Gaza até Mambone, em Govuro, que faz limite com Sofala, numa extensão de cerca de 430 quilómetros. É muito grande e nós temos dificuldades de em cada lugar colocarmos um soldado para controlo de quaisquer movimentos estranhos na costa. Esta é muito propícia a desembarques marítimos. A própria existência de faróis para facilitar a navegação marítima proporciona excelentes condições para desembarques de material. Foi essa a táctica que os cabecilhas sul-africanos, usaram para abastecer os bandidos. Temos provas e dados concretos sobre desembarques de material em Homoine, em Paindane, no distrito de Jangamo. Depois de termos a evidência destes desembarques, realizámos operações.

A despeito de aquela zona ser estratégica, com a existência de muitas dunas, assaltámos esses locais de desembarque que são agora controlados pelas nossas forças ali estacionadas. De realçar a utilização de dois dos nossos faróis como pontos de referência às embarcações inimigas par

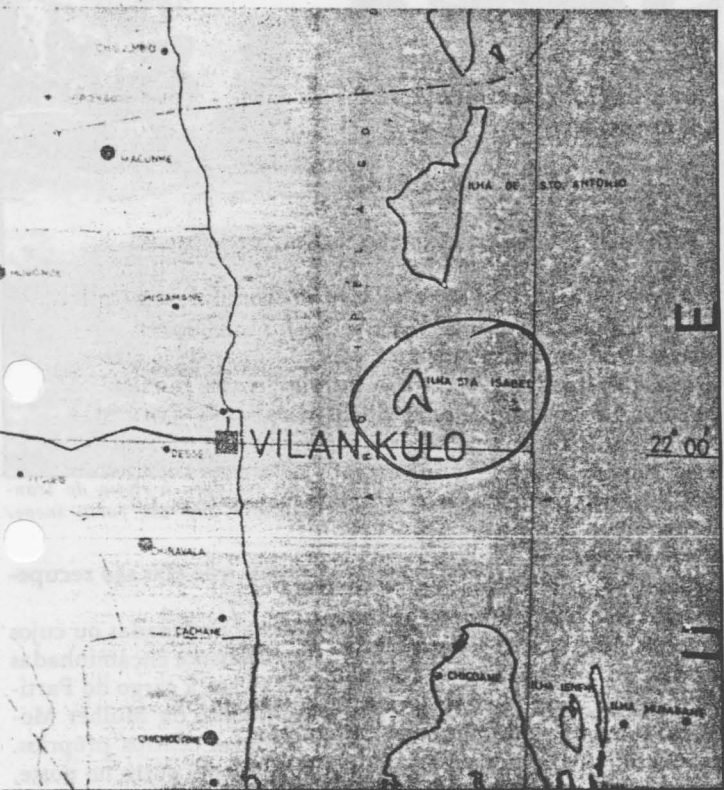
cularmente em Paindane e em Závora. Além disso, na parte norte da província, entre Massinga e Vilançulo, no cabo de S. Sebastião, os bandidos armados tentaram igualmente receber material e homens. Assim que o descobrimos entrámos em combate com grupos que tinham sido desembarcados uma semana antes. Abatemos nessa altura alguns bandidos que usavam divisas que podem ser vistas, nós temos-as no Museu. Portanto, como vê, existe uma nova táctica em que o bandido tenta tudo por tudo para utilizar a nossa costa extensa para desembarque de homens e material. Tivemos também conhecimento, com dados igualmente concretos, de uma tentativa de reconhecimento numa das ilhas do arquipélago do Bazaruto, chamada Macurugue (ex-Santa Isabel). No passado mês de Julho e aproveitando a maré baixa uma avioneta aterrou nas areias dessa pequena ilha tendo a bordo três indivíduos de raça branca que pensamos serem sul-africanos porque, para além de falarem a língua afrikaans, utilizaram o fanakaló para comunicarem com a população, com aqueles que tinham sido emigrantes. Identificaram-se como sendo das calamidades e perguntaram às pessoas se nunca tinham recebido produtos. Ora as pessoas da ilha aperceberam-se de que as pessoas daquele tipo de organizações humanitárias não usam nunca o fanakaló para comunicarem com as populações e mostraram-se muito desconfiadas. Perante isso, aqueles três indivíduos ofereceram a sua própria roupa às pessoas que estavam presentes e levantaram voo. As populações denunciaram o episódio ao

administrador que contactou connosco, após o que tomámos medidas.

## TRÊS ACTOS DE VITÓRIAS

Tempo — Como é a situação militar presente na província?

Major-General — Todas as vias de comunicação que estão sob a nossa responsabilidade têm circulação sem problemas. Pode movimentar-se à vontade. Sair de Závora e chegar a Inharrime, ir para o interior, para Inhassane, para Panda e não só nas sedes de distritos como às próprias localidades. Gostaríamos de vos informar que, a despeito dessa movimentação livre de viaturas em praticamente toda a província, porque o bandido armado já não faz emboscadas, existem acções de terrorismo nocturno contra as populações. Os bandidos evitam atacar as nossas forças e só reagem quando nós os detectamos e atacamos. Quando não é descoberto, permanece nos seus esconderijos e somente à noite vai às aldeias e mesmo às proximidades das sedes distritais e rouba alimentação e outros bens das pessoas. O que é mais incrível é o método bárbaro de uso de punhais para assassinar os camponeses. Ao chegarem à noite às aldeias e para não serem descobertos pelos milicianos que fazem vigia e patrulha, matam com punhal, machado ou catana. Não escolhem a quem matar, mulheres ou crianças, independentemente da idade. Temos crianças no Hospital Provincial de Inhambane que

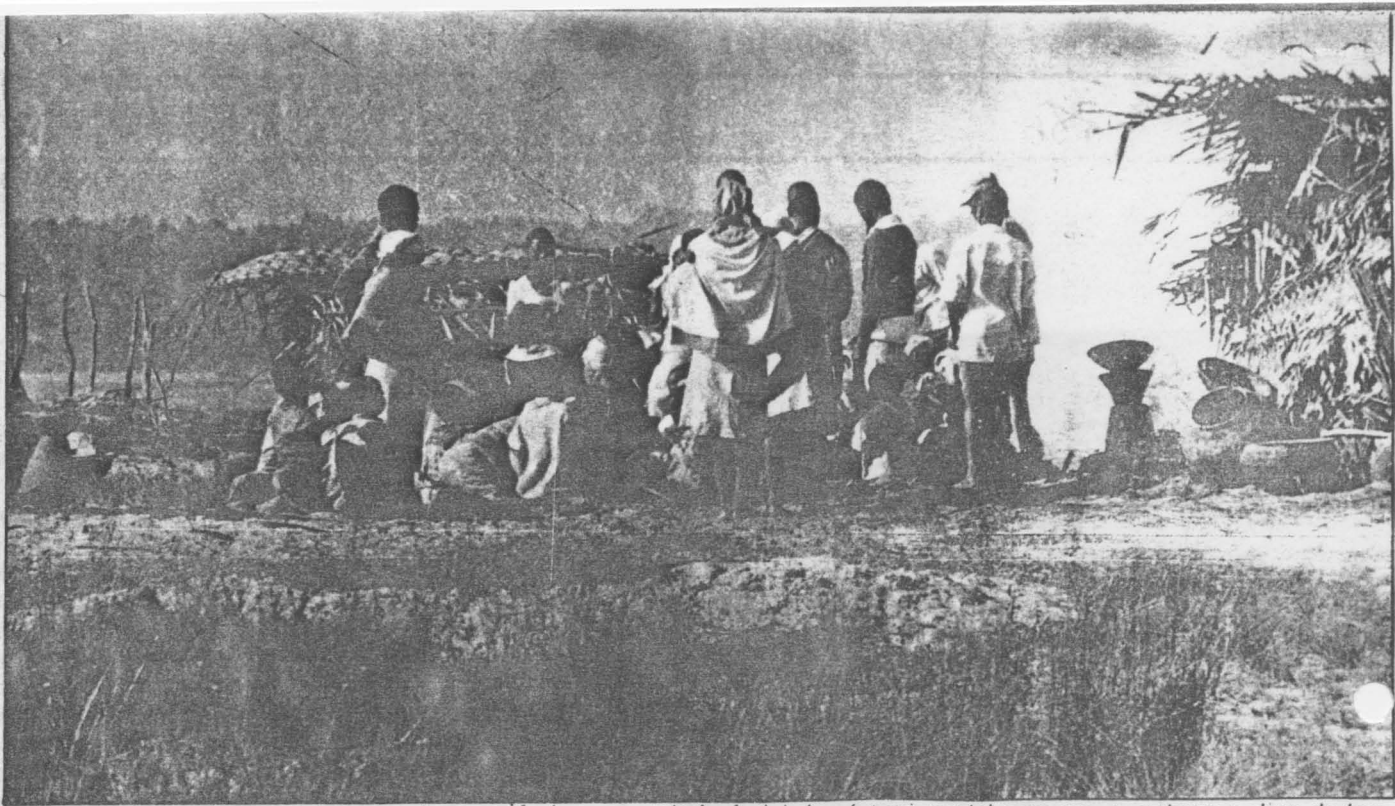


Assinalado no mapa, vê-se a ilha de Macurugue (ex-Santa Isabel) onde uma tentativa de reconhecimento inimigo foi detectada e denunciada pelas populações ao Comando Militar Provincial

perderam as suas mães e foram igualmente atacadas tendo sobrevivido. É o que nos permite saber como actuam agora os bandidos a este nível de barbárie. Tentam também proceder ao reconhecimento dos locais onde moram responsáveis do Partido nas aldeias comunais. Mesmo na cidade de Inhambane detectámos infiltrações para reconhecer casas de responsáveis, obviamente para tentar matá-los. Quando analisámos este tipo de nova táctica do inimigo, reunimos com o Partido para que este possa dar orientações às populações no sentido de aumentarem a nível prático a sua vigilância. Temos registado boa colaboração e sucessos em trabalho organizativo com as populações. No mês passado, na zona de Cumbana um grupo de bandidos atravessou a estrada e roubou gado bovino e caprino. Depois entraram numa casa e mandaram despir as pessoas que ali estavam. Quando saíram da zona, as populações alertaram os nossos soldados que, durante a noite, cercaram os bandidos. Portanto, o que nós fazemos agora em toda a província é ocupar os locais estratégicos, evitar que eles sejam abastecidos nos locais tradicionais de desembarque aéreo ou marítimo e levá-los a estar permanentemente na defensiva e na situação em que se encontram actualmente que é de bando armado sim, mas igualmente bando errante em luta desesperada pela sobrevivência.

Tempo — Quer, portanto, dizer que, entre 1982 e 1985, a situação militar da província de Inhambane mudou radicalmente?

Major-General — Mudou sim. Estamos a recuperar



*O regresso das populações raptadas e outras que fugiram ao controlo do inimigo é fundamental para que se restaure o clima de tranquilidade e paz na província de Inhambane onde os sucessos militares alcançados contra os bandidos armados são um facto incontável*

muitas infra-estruturas que nos permitem igualmente relançar a vida económica provincial.

## INIMIGO DESESPERADO

**Tempo** — Pode-me dizer, se há alguma tentativa de infiltração na província depois que a Casa Banana foi ocupada pelas nossas forças?

**Major-General** — Imediatamente após a tomada de Casa Banana pelas nossas forças, mobilizámos as populações sobre eventuais mudanças da maneira de reagir do inimigo. Por outro lado, e por orientações do Estado-Maior, fechámos o sul do rio Save para impedir que o inimigo batido no norte se venha a infiltrar fugindo para o sul. Essa orientação foi para as duas províncias ao sul do Save, Gaza e Inhambane, antes que começassem as operações na serra da Gorongosa. A este nível coordenámos acções com os camaradas de Gaza para impedir que haja mobilidade dos bandos para sul do rio Save. Quando realizámos os ataques a Garágua e Sitatonga houve de facto infiltrações para sul e agora não queremos nem estamos dispostos a permitir que isso aconteça nunca mais.

**Tempo** — Portanto, não se detectou qualquer tentativa de infiltração para sul a partir do norte do rio Save?

**Major-General** — Antes de se atacar Casa Banana, os bandidos tinham feito tentativas para tentarem transferir parte do material para sul. Houve uma grande movimentação no rio Save com combates o que levou a que eu saísse do comando provincial para o rio Save e para Mabote e Vilanculo para acompanhar de perto as operações e dar orientações concretas como se pode fechar o rio. Isto foi, como disse, antes do ataque das nossas forças na Gorongosa.

**Tempo** — Há pouco referiu a existência de crianças abandonadas. Eu tenho conhecimento da existência de algumas centenas de crianças abandonadas sem identi-

ficação. Que trabalho é feito depois que elas são recuperadas?

**Major-General** — Estas crianças abandonadas ou cujos pais foram assassinados, são primeiramente encaminhadas para os hospitais e posteriormente ficam a cargo do Partido em coordenação com a Organização da Mulher Moçambicana. Na nossa província temos centros próprios. Aqui perto temos o centro de Muélé e um outro no norte, em Vilanculo.

**Tempo** — Sabe-me dizer se há, por exemplo, alguma perspectiva de que essas crianças orfãs de guerra possam vir a ser integradas em famílias que as possam adoptar?

**Major-General** — Algumas dessas crianças sim. Responsáveis provinciais do Governo e do Partido têm dado o exemplo, assim como alguns administradores mas a maior parte está nos centros que é onde são assistidas e aqui consideramos a existência de crianças que perderam os pais na situação de seca e fome e outros assassinados directamente pelos bandidos armados.

**Tempo** — Finalizando, que perspectivas é que vê para a total normalização da situação militar da província?

**Major-General** — É-me difícil detalhar tais perspectivas sem entrar em pormenores de ordem estratégica táctica mas, em resumo, pretendemos prosseguir as operações e ocuparmos todos os locais estratégicos, reabilitar infra-estruturas e recolocar populações nas suas áreas de origem.

**Tempo** — A curto prazo, a médio prazo...

**Major-General** — Bom, para falarmos sobre prazos é difícil. Acabar os bandidos implica o uso de vários tipos de redes. Rede grossa, rede fina e finalmente expurgar os ovos.

**Tempo** — Um trabalho de envergadura...

**Major-General** — ... até chegarmos aos ovos e à sua limpeza total, de que estamos convencidos de conseguir e sem um prazo determinado. □